

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Graduação em Ciências Sociais / Graduação em História
Tópicos Especiais em Antropologia IV / Tópicos Especiais em História XXVIII

História e Antropologia do Estado Africano

Professor responsável: Omar Ribeiro Thomaz

Horário: sexta-feira / 19:10 – 22:45

A ementa ora apresentada é preliminar. No primeiro dia de aula apresentaremos a ementa detalhada e completa.

Conteúdo geral do curso

Faz parte de um certo senso comum mesmo entre cientistas sociais e historiadores a associação da experiência da construção estatal na África subsaariana ao fracasso. A imprensa, os especialistas e os profissionais do campo da ajuda internacional classificam a maior parte dos Estados africanos como *Estados falidos* – em inglês, *failed states*; em francês, *État démissionnaire*. Geralmente esta classificação não vem acompanhada de nenhum tipo de esforço descritivo ou analítico. Nosso esforço nesta disciplina será o de desmontar a idéia de *Estado falido* por meio de dois movimentos, um de natureza antropológica, e outro, claramente historiográfico.

Do ponto de vista antropológico nos aproximaremos da noção de “Estado” da mesma forma que os antropólogos modernos se aproximaram da noção de “família”. A compreensão da família australiana ou dos complexos sistemas de parentesco da Alta Birmânia ou da África subsaariana exigiu uma crítica contundente ao evolucionismo implícito na idéia da família ideal como aquele núcleo próximo ao mínimo necessário para a reprodução biológica da espécie, sendo que tudo o que dele se distanciaria seria retrato de estágios anteriores da evolução humana, ou mesmo algo próximo à confusão ou à falta de família, à promiscuidade. Curiosamente, no que diz respeito quer aos sistemas políticos dos povos exóticos, quer aos Estados pós-coloniais, a esfera do político seguiu sendo caracterizada em grande medida ora pela ausência, ora pelo fracasso suposto na cópia de um modelo externo. Nosso objetivo aqui é enfrentar o Estado africano tal e como ele é, quer do ponto de vista das suas instituições, quer do ponto de vista do que supõe em termos da experiência concreta dos indivíduos.

O sucesso desta empreitada exige um esforço historiográfico, pois a autonomia histórica da construção do Estado na África subsaariana se transforma num imperativo descritivo e analítico. Não se trata de imaginarmos os supostos desastres políticos contemporâneos africanos como resultado da imposição de um modelo estatal externo, de uma diversidade étnica e lingüística perturbadora de uma ordem que deveria ser homogênea, ou da existência de fronteiras arbitrárias. Afinal, onde o monstro não foi historicamente “imposto”? Há algum contexto efetivamente homogêneo, ou que *sempre* o tenha sido? Existem fronteiras políticas *naturais* que não sejam fruto do arbítrio dos homens? Se queremos efetivamente compreender o *desastre* (se é que podemos classificar a realidade africana desta perspectiva) temos que fugir da idéia da existência de um Estado-medida, do qual as distintas realidades estatais estariam próximas ou distantes.

A formação do Estado africano da perspectiva de sua autonomia histórica, e sua realidade do dia a dia de africanos e africanas, demanda esforços de níveis diferenciados. Enfrentaremos as

distintas experiências históricas por referência ao cruzamento de vetores diferenciados: (a) as realidades pré-coloniais (se os europeus se encontraram ou não com realidades estatais anteriores, como o caso dos Estados conquista das Áfricas central e austral; a relevância do tráfico de escravos interno e externo etc.); (b) as expansões coloniais européias (se estamos diante dos impérios britânico, francês, português, belga, italiano ou espanhol); (c) o tipo de Estado colonial (se protetorado ou colônia, com maior ou menor presença de colonos europeus, as formas de trabalho compulsório, os regimes de espoliação e exploração da terra etc.) e); (d) os mecanismos administrativos locais (a maior ou menor importância das lideranças nativas na efetivação do aparato administrativo); (e) os processos que presidiram as independências (negociações com a potência colonizadora ou guerras de libertação).

Dinâmica do curso

As aulas serão expositivas, mas há a expectativa da participação efetiva dos alunos. Parte da bibliografia do curso será em inglês, e o professor fará uso de referências a bibliografia em francês. Consideramos que os alunos são fluentes na leitura em castelhano. Tentaremos contar com um PAD para auxiliar na discussão e no uso de recursos audiovisuais.

Avaliação

Os alunos deverão se dividir em grupos para elaborar um trabalho de fim de curso sobre a independência do Sudão do Sul. No primeiro dia de aula será apresentada uma proposta específica.

Bibliografia preliminar

Bender, Gerald.

1980. *Angola sob o domínio português: mito e realidade*. Lisboa: Sá da Costa.

Cabaço, José Luis.

2009. *Moçambique: identidade, colonialism e libertação*. São Paulo: Editora Unesp.

Chabal, Patrick & Daloz, Jean-Pascal.

2001. *África camina. El desorden como instrument politico*. Barcelona: Edicions Bellaterra.

Davidson, Basil.

1975. *A libertação da Guiné: aspectos de uma revolução africana*. Lisboa: Sá da Costa.

Elkins, Caroline.

2005. *Imperial Reckoning. The Untold Story of Britain's Gulag in Kenya*. Nova York: Henry Holt and Company.

Geschiere, Peter.

2009. *The Perils of Belonging. Autochthony, Citizenship, and Exclusion in Africa & Europe*. Chicago: University of Chicago Press.

Leo Spitzer.

2001. *Vidas de entremeio. Assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental 1780 - 1945*.

Lopes, Carlos.

S.d. *Etnia, Estado e relações de poder na Guiné-Bissau*. Lisboa: Edições 70

Prunier, Gérard.

1990. *L'Ouganda et la question indienne (1896-1972)*. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations.

Mamdani, Mahmood.

1998. *Ciudadano Y Súbdito*. África Contemporánea y el legado del colonialismo tardío. Madrid: Siglo XXI Editores.

2001. *Politics and Class Formation in Uganda*. Kampala: Fountain Publishers.

2002. *When Victims Become Killers: Colonialism, Nativism, and the Genocide in Rwanda*. Princeton: Princeton University Press.

Schack, Willian & Skinner, Elliot (Ed.).

1979. *Strangers in African Societies*. Berkeley: University of California Press.